

ROCHA LIMA, *Gramática normativa da língua portuguesa*. 31ª ed. (retocada e enriquecida). Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1992.

Dando mais um passo na sua afortunada trajetória, iniciada em 1957, com o patrocínio da antiga e benemérita editora F. Briguiet, a *Gramática normativa (GN)* chega à sua terceira e definitiva versão, para cujo melhoramento trabalhou até o fim da vida o mestre e inesquecível amigo Rocha Lima, sempre indefesso propugnador da boa vernaculidade e adequada expressão quer no entusiasmado palco de sua sala de aula, quer na letra de forma de livros e artigos. Rocha Lima foi daquela geração de professores de língua portuguesa – espécie em extinção tanto nos estabelecimentos de ensino primário e médio como nas universidades – irmã gêmea do velho Silva Ramos, de cujo magistério dava testemunho seu antigo aluno, Manuel Bandeira, no Colégio Pedro II:

"Ainda hoje recorro com saudade a maravilhosa lição que foi a leitura que fez da "Última corrida de touros em Salvaterra": não só tenho bem presente na memória o quadro objetivo da sala de aula, a atitude dos colegas, a figura subitamente remoçada do mestre, a voz com todas as suas inflexões mais peculiares, como também todas as imagens interiores evocadas pelo surto eloqüente da leitura: o garbo e esplendor da ilustre Casa de Marialva ficou para sempre dentro de mim como um painel brilhante (...) A tal ponto, que longe de ser a última, passou a ser a eterna corrida de touros, eterna e única, pois foi a primeira que vi – porque positivamente a vi! – e me fez achar insípidas, mesquinhas, labregamente plebéias as verdadeiras touradas a que assisti depois com os olhos do corpo e não com os da imaginação excitada pelo gosto literário do mestre (*Poesia e Prosa*, II, 1167 – 1168).

Disse que a GN teve três versões, embora de uma para outra houvesse retoques mínimos que não chegaram a impor-se como uma nova cara da obra. A primeira versão vai até a 14ª edição, sob o patrocínio da Briguiet; a segunda versão, a partir da 15ª edição, já agasalhada por esse patrimônio da cultura brasileira que é a José Olympio Editora, e a terceira versão, ainda pela mesma casa, inicia-se nesta 31ª edição, retocada e enriquecida.

Diante disto, cabe mostrar, ainda que rapidamente e sem entrar em questões de doutrina, em que aspectos notará o leitor atento os retoques e enriquecimentos que traz esta 31ª edição.

Materialmente, o texto da GN apresenta nova capa e beneficia-se do bom gosto da equipe responsável pela editoração e diagramação da José Olympio, enquanto a equipe de revisão apresenta-nos um texto irrepreensivelmente perfeito. Um ou outro lapso que se pode apontar, vem da própria transcrição das fontes de que se serviu o A., como é, por exemplo, a citação da página 321, extraída da *Gramática* de João Ribeiro, que fala de um "românico" **loro** (na verdade, o texto de J. Ribeiro traz "romântico" e Rocha Lima procura melhorá-lo), quando creio que seja "romeno **lor**", originário de (**il**)loru. Poderia ser o "românico **loro**" se parasse por aí, em alusão ao latim (**il**)loru,

fonte comum das línguas românicas que deste possessivo se serviram; mas a especificação ao francês **leur** e ao antigo espanhol **lures**, evidencia-nos que J. Ribeiro queria aludir a **uma** língua românica e, no caso, seria ao romeno, já que o italiano **loro** não se enquadraria a ser explicado como erro tipográfico.

Entretanto propriamente na parte substantiva da obra, é fácil identificar a presença nova de farta exemplificação extraída de autores do modernismo para cá, presença devida não só à inteligente combinação que a A. fazia de antigos e modernos (vejam-se as lúcidas referências a isto nas palavras que escreveu como introdução a *Textos clássicos do português contemporâneo*, de Raimundo Barbadinho Neto), mas também da permanente colaboração deste seu discípulo e dileto amigo, a quem já devemos excelente contribuição para o melhor conhecimento da língua portuguesa literária de nossos dias. O capítulo da **Regência verbal** foi dos que mais se beneficiaram com esta novidade. E Rocha Lima aproveitou algumas observações curiosas já reveladas nas pesquisas de Barbadinho, como, para citar dois exemplos, as nuances de emprego de **custou-me** e **custei a** (pp. 427-428) e a impossibilidade de se interpor o pronome o e flexões a dois verbos, à semelhança do que se faz com **venha me dizer, quero lhe falar** (p.455).

No capítulo de **Teoria geral da frase e sua análise**, Rocha Lima aprofunda o ensinamento acerca dos **complementos da oração** (p.243 e ss.), desgarra-se um tanto da lição de outro mestre inesquecível, Celso Cunha, no que toca a **oração principal** e a constelação sintática (pp. 285-286), e desgarra-se totalmente da lição de outro mestre, hoje esquecido injustamente, José Oiticica, na análise da frase **Mandei-o sair** (p. 250, 319). Por modéstia, Rocha Lima não alude aí a um longo e bem documentado artigo seu "Um cultismo sintático herdado do latim medieval" (in Revista Brasileira de Língua e Literatura, ano II, nº 5, 3º trimestre, 1980, pp. 30-35). Aí defende a tese de que, no conhecido verso camoniano **Este a mais nobres faz fazer vilezas**, temos uma só oração, absoluta; que **faz fazer** é um conglomerado verbal de auxiliar causativo + infinitivo, e que **a mais nobre** funciona como objeto indireto "e nele se abriga o agente da ação expressa pelo verbo no infinitivo" (p.34).

Infelizmente esta nova edição da GN não absorve em toda sua explicitação essa doutrina, e isto se pode atribuir, segundo o testemunho pessoal do Prof. Barbadinho, ao fato de ter passado por mais de uma versão, e, por lapso, a que ficou como definitiva deixou de incorporar a doutrina do artigo. Isto deixou também vestígio no tratamento de frases do tipo **Fez-me sentar** e **Deixe-nos pensar** no tópico novo da 31ª edição sob o título **Sujeito de infinitivo** (p.319)

Outro ponto que mereceu exaustivo estudo de Rocha Lima foi o **e** (Subsídios para o estudo da partícula **e** em algumas construções da língua portuguesa, Tese de concurso, 1975), mas o assunto não foi totalmente aproveitado na GN.

A 31ª edição agasalha, pela primeira vez na GN, as noções dêiticos e anafóricos (p. 328), bem como os empregos de realce em que entra o verbo **ser** (pp.406-407).

No domínio da Morfologia, a nova GN introduz considerações sobre **palavras vicárias** (pp. 119-120); faz uma revisão nos verbos abundantes, enxugando as listas para atender a realidade dos fatos da língua, especialmente na lista da 3ª conjugação (pp.169-170); exemplifica o processo de parassintetismo em formas do tipo **subterrâneo e desnaturado** (p. 213); agasalha novos tipos de formação de palavras (p. 227), bem como a voz medial com suas três modalidades (p. 124).

Atento à evidência de que uma língua histórica está sempre num equilíbrio instável, Rocha Lima vai a pouco e pouco aceitando aqueles fatos que ganham foros de cidade; assim registra, ao lado de **boêmia**, o substantivo **boemia** (p. 31); a construção **com ou sem recursos** (p. 366).

Estes poucos lembretes documentam que a GN nos aparece realmente "retocada e enriquecida" e disposta a marcar a presença, ainda por muito tempo, junto e ao auxílio de professores e alunos, deste conhecedor profundo da língua e dono de uma extraordinária arte de transmitir: Rocha Lima.

EvanildoBechara
